

SOUSA COSTA

A Mulher victima da guerra



(Conferencia proferida na Caixa de Auxilio a Estudantes
Pobres do Sexo Feminino, a 25 de Maio de 1916).



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

16.346-055.2
COS

1916
Tipografia Bayard
LISBOA

7176

José Rodrigues Pires

LIVREIRO - ANTIQUÁRIO

R. 4 de Infantaria, 34-1.º Dto.

Telef. 65 02 55

LISBOA-3

N.º 5671

7176

A Mulher victima da guerra

A Mulher victima da guerra



BIB

15301

Photodupl. Report
1980

S. 425-47C.33

201

João da Costa Almeida

316.346-055.2

CS

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO

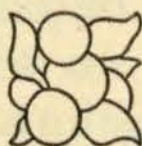
OFERTA - 31 JAN. 2001

SOUSA COSTA

A Mulher victima da guerra



(Conferencia proferida na Caixa de Auxilio a Estudantes
Pobres do Sexo Feminino, a 25 de Maio de 1916).



416896

1916

Tipografia Bayard

LISBOA

José da Costa Gomes

De Sousa Costa

<i>Excentricos</i> — contos — 2. ^a edição	500 rs.
<i>Fructo Proibido</i> — romance — Scenas da vida de Coimbra — 2. ^o milhar	700 »
<i>Os meus pecados</i>	600 »
<i>Mulher na Renascença</i>	100 »
<i>Sempre Virgem</i> — romance — Scenas da vida de Lisboa — 2. ^a edição	700 »
<i>Coração de Mulher</i> — romance	700 »
<i>Regresso á Felicidade</i> — novela	500 »
<i>Como se vingam mulheres</i> — comedia em 1 acto	200 »
<i>A mulher victima da guerra</i>	100 »

No prélo :

Trunfo — é oiros — novela, 2.^a edição
Quem fala? — farça, 1 acto
Manhã de S. João — comedia, 4 actos

A saír :

A Pecadora — romance

**O producto desta conferencia reverte
a favor da Caixa de Auxilio a Estudantes Pobres
do sexo feminino**

Minhas senhoras ! Meus senhores !

Não venho fazer uma conferencia acerca da guerra. Venho apenas contar casos da guerra. E desses casos tirar uma conclusão — a de que as mulheres, mais sacrificadas, por si proprias, pelos filhos, pelos irmãos e maridos do que os soldados que se batem, do que os soldados que morrem, não podem ser perante a hecatombe sómente espectadoras. A elas pertence-lhes, no seu campo particular d'ação, desdobrar toda a actividade em sua defeza, conseguindo o maximo esforço contra o inimigo comum.

A conflagração europeia, cheia de surpresas e de ferocidade, — negação de todo o gesto de beleza e de todo o sentimento humano — colocou deante dos nossos olhos e do nosso espirito diversos problemas, varias esfinges. E dentre estas e aqueles, pelas consequencias tremendas da carnificina, avultam, dominam os que se referem á situação actual e á situação futura da mulher.

Como sabem, antes da erupção desse mar de lava que está devastando a Europa, afirmava-se que uma guerra geral entre as grandes potencias não poderia durar mais de tres a quatro mezes.

E para o demonstrar evocavam-se os instrumentos de morte que a paz armada collocára ao alcance de cada um desses povos. Falava-se nos canhões monstruosos. Lembravam-se os explosivos fulminantes — e os Zeppelins, e os aviões. E concluia-se por garantir que não haveria exercitos capazes de alimentarem, por mais tempo,

a fome desses monstros, a avidez dessas máquinas.

Afinal, desencadeia-se a tempestade. Os mezes rolam sobre mezes. Inventam-se novos instrumentos de morte, entre os quaes figuram os gases asfixiantes e os liquidos inflamaveis — e um veneno, a ultima palavra da inventiva germanica, que se não sente, que se deixa numa trincheira abandonada, e mata, fulminando, os que se apoderam dela. E os canhões e os explosivos, aperfeiçoam-se por tal forma no decorrer da chacina, que os de ontem lembram brinquedos de creança ao pé dos de hoje.

Apezar disso: as previsões falharam. A guerra continua. Já não são dois mezes — são dois anos, são dezenas de mezes, são centos de dias, são milhares de horas em que os cadaveres vão crescendo, fazendo montanhas.

Não ha exercitos? Inventam-se. Não ha homens? Dá a impressão de que os fabricam, como as munições, de que os vão buscar não se sabe aonde, não se sabe para quê. E esquecidos da conservação da especie, esquecidos de todas as leis da Humanidade — e desse velho perigo amarelo, que pode vir em seguida ao exterminio geral, em imensas hordas ululantes de fome e de furôr para preencher o vacuo deixado na Europa exausta pela metralha e pelo veneno — os povos redobram na lucta, ferem-se, mutilam-se, asfixiam-se, num proposito alucinado de aniquilação.

E' perante este desabar de homens e de energias que, entre outros problemas, surgem e se impõem os que dizem respeito á situação da mulher.

Não será a ela que pertencerá amanhã o governo dos Estados, a vida activa das suas varias funções — conservando-se, mercê dessa geren-

cia ocasional, á frente de todos os negocios publicos, mesmo depois de serem homens os que são agora creanças?

Outro desses problemas é o das perturbações moraes e organicas que á mulher podem advir da falta de homens — embora V. Ex.^{as}, minhas senhoras, digam tantas vezes, com o mais ingrato desamôr, que isto, o mundo, seria o Paraizo, sem o homem-serpente, e as suas maldades, e as suas exigencias, e o seu egoismo.

E para não me eternisar formulando problemas, citarei só, e a mais, o terceiro — o que escolhi para assunto desta palestra, o que dá como solução final a necessidade, o dever da mulher, victima da guerra, em si e nos seus filhos, de passar de sua espectadora inerte, a sua cooperadora energica.

Victima da guerra? Foi-o sempre. E'-o sempre — pelas lagrimas que chora, pelas saudades que a retalham, pela fome e pelo frio que tantas vezes a acompanham na orfandade e na viuvez. Mas, neste momento, ela está sendo uma victima directa da ferocidade germanica, ela e as creanças, as suas protegidas naturaes, sejam ou não fruto do seu ventre.

O alemão, para vencer, resolveu aterrorisar. Resolveu fusilar e mutilar, incendiar e destruir, sem vêr a quem, nem como, nem quando. E fusilando, mutilando, destruindo ás cegas, tem aniquilado e invalidado milhares de mulheres e de creanças que mal algum lhes fizeram — peor do que isso: tem afogado em vergonha e loucura milhares de mulheres e de creanças que a soldadesca brutal marcou para sempre com a furia dos seus appetites.

Ha quem afirme, ao ouvir falar nesses crimes,

nessas violencias que eles não representam senão fantasias dos fracos, para crear o horrôr contra os fortes. Ha quem os crisme de mentiras grosseiras, de falsidades ridiculas. E no entanto, se fossem mentiras, era só para admirar que o fossem. Os crimes e as violencias atribuidas aos soldados alemães, estão inteiramente de harmonia com a alma alemã, com a filosofia alemã, formada, na escola primaria pelos irmãos Grimm, na escola secundaria e superior pela obra de Nietzche. Os Grimm são o Nietzche em pilulas — contendo todo o veneno da crueldade e da vingança. Nietzche, o pontifice maximo da moderna filosofia teutonica, o evangelizador profetico do instincto e do odio, é o Atila servido em forma de emulsão — contendo todo o vandalismo dos hunos, actualisado pelo industrialismo do Krupp.

E' este o fundamento da sua moral: — «ajuda-te a ti mesmo, e todo o mundo te ajudará — principio do amor ao proximo». Quer dizer — ninguem atenda senão aos seus interesses e ás suas conveniencias. E se alguem cair ao seu lado... que se levante. No Crepusculo dos Idolos declara, sem hesitações: — «a moral da compaixão é o sintoma mais perigoso da civilisação europeia, é o seu regresso ao niilismo». E acrescenta: «... os tribunais de arbitragem, a emancipação da mulher, a religião da dôr e da compaixão, são sintomas duma vida que declina».

E' sua esta sentença: «Vêr sofrêr consola. Mas consola mais fazer sofrêr»!

Resumindo — o amor ao proximo é um erro. A arbitragem, a emancipação da mulher, a compaixão, a misericordia, são perigosos indicios de raça decadente. A crueldade que tortura, é o maior prazer humano!

Por isso, os seus livros parecem escritos com fel e sangue. Para ele a humanidade não se eleva pela bondade — caminhando para a beleza serena em que o instinto cêda ao sentimento e à razão. Para ele, a humanidade engrandece-se pela ferocidade — regressando á animalidade ancestral em que o sentimento e a razão são dois zeros á esquerda da cubiça que vence, da raiva que extermína. Quem leu Nietzsche, quem o sentiu, quem o auscultou no significado exacto da sua moral, ouve ao longe o troar dos canhões e julga ouvir a sua voz ampliada no clamôr dum pôvo inteiro. O estalar dos vigamentos da biblioteca de Louvain, devorada pelo fogo, é o ranger dos seus dentes. O desabar das maravilhas da catedral de Reims, destruidas pela metralha, é o acordar do seu sôno.

O militarismo teutonico, o imperialismo teutonico estão dentro da alma de Nietzsche — como a luz está dentro do fogo. Ouçamos o que, acerca da guerra, e das suas violencias teem dito alguns dos filhos espirituaes de Nietzsche — e não duvidareis um instante sequer das atrocidades que passo já a indicar, resumidamente. Fala, em primeiro logar um padre catolico. Chama-se Fritz Philippi. Prega numa igreja de Berlim. Entre muitas outras coisas monstruosas, diz estas coisas abominaveis :

«Assim como o Todo Poderoso fez pregar seu filho numa cruz, para que se realisasse a obra da Redenção, tambem a Alemanha deve crucificar a Humanidade para lhe assegurar a salvação. Pelo que, o dever dos soldados alemães é ferir sem piedade. Devem matar, devem incendiar, devem destruir. As meias medidas... serão pecados!»

Ouviram, não é verdade? Que crime será crime deante desta doutrina inclassificavel?

Ouçamos um padre protestante, da igreja lutherana de Leipzig, o pastor Loebel:

«Nós devemos dar combate aos maus por todas as fórmulas possíveis. Os seus sofrimentos devem-nos ser muito agradaveis, os seus gritos de dôr não devem impressionar os surdos ouvidos alemães. Não é possível qualquer compromisso com o inferno, nem poderá haver piedade para os servidores de Satanaz».

E já que ouvimos a Igreja, falando em nome de Cristo, ouçamos a catedra, falando em nome da sciencia.

O professor Rheinold Seeberg, catedrático de teologia na Universidade de Berlim, disserta nestes termos aos seus alunos:

«Não odiamos os nossos inimigos. Seguimos o mandamento da lei de Deus que nos manda ama-los. Mas consideramos que é uma obra de puro amor — o mata-los, faze-los sofrer muito, incendiar-lhes as casas, invadir-lhes o territorio».

E agora, assim justificados pelos mentores da Alemanha, já podeis ouvir os crimes, alguns dos muitos crimes praticados pelos alemães contra as mulheres e as crianças, sem que vos pareçam historias de lobis-homens. Demais, alem da filosofia alemã, da guerra e de antes da guerra, autentica-os o nome do Dr. Comby, um homem de sciencia e de razão, que friamente, pausadamente os vae registando na revista — *Archives de médecine des enfants*.

Em 22 de Agosto de 1914 os soldados do 108 regimento saxão penetraram na vila de Dinant. Acusando os civis de terem feito fogo sobre eles,

queimaram 1200 casas, assassinaram 700 pessoas, entre elas 73 mulheres e 39 crianças.

Em Anseremmes lançaram abaixo d'uma ponte 18 mulheres e 2 crianças. E os soldados divertiram-se alvejando-as com uma metralhadora, abatendo-as todas, uma por uma.

Em Rethy assassinam a pequena Maria von Herck; em Testelt matam uma rapariga de 12 anos; em Ans aquele rapaz de 6 anos que andava armado com uma espingarda de pau; em Liège trucidam uma pequenita e levam a cabeça de presente á mãe. Em Francorchamps os hulanos, depois de executarem uma mulher de 60 anos, correm sobre sua filha, Fernanda Legrand. E como esta, alucinada, fugisse com um filhinho ao seio, assassinam-lhe o filho nos braços.

Obrigam uma mulher de Montigny sur Sambre a afogar um filho de 18 mezes numa cisterna. Em Farciennes trucidam trez pequenitos na presença da mãe, e um deles, de 5 mezes, também nos seus próprios braços.

Ao ser atacada Nomény, M. Vassé, morador no *faubourg* de Nancy, recolheu varios habitantes numa cave, preservando-os dos efeitos do bombardeamento. A's 4 horas da tarde desse dia os alemães entram na povoação. Forçam as portas da casa de M. Vassé. Lançam-lhe o fogo. E das pessoas ali recolhidas, as que fogem, como M. Montié, e um filho deste, que corria com uma irmãinha de 8 anos ao colo, são fusilados pelas costas. Os que não conseguem fugir, estorcem-se, agonisam carbonisados no brazeiro!

Em Pin, perto de Izel, dois rapazes francezes assistiam, admirados, á passagem dum regimento de hulanos. Dois dos soldados apanham os rapazes. Prendem-nos aos cavalos. Obrigam-nos a uma

galopada. E na vertigem do galope, enquanto um dos militares lhes dispara tiros na cabeça, o outro degola-os com a espada.

O que aí fica é uma amostra, uma ligeira amostra da imensidade dos seus crimes contra a vida de mulheres e de creanças.

Vou citar também alguns casos de crimes contra o pudôr. Em Château-Thierry trez soldados arrastam uma rapariga de 13 anos para uma loja. E é violada por dois dêles — tendo-se compadecido o terceiro das suas lagrimas, das suas supplicas.

Em Bégu-Saint-Germain acontece o mesmo a uma outra rapariga, como aquella de 13 anos — e o mesmo, em Loup-le-Chateau, em Magnières, em Suippy, a raparigas de 8, 11, 12 e 13 anos.

Umas endoidecem. Morrem outras em seguida ás brutalidades de que são victimas. Em Coulommieres violentam uma mulher na presença do marido e dos filhos. Violentam outra, junto da sogra e dum filho de 8 anos, em Rancourt.

Creanças e mulheres mutiladas, creanças e mulheres assassinadas ou queimadas vivas, creanças e mulheres servindo de trincheiras contra a fusilaria inimiga, são aos centos, são aos milhares. E não seria possivel duvidarmos de taes horrores e de taes numeros, mesmo sem a moral de Nietzche, mesmo sem os sermões nas Igrejas e as prelecções nas escolas, lembrando-nos dos submarinos. Aquellas monstruosidades são irmãs gêmeas do torpedeamento de navios como o *Luzitania*, como o *Sussex*, em que desapareceram tantas vidas innocentes, e que o bom padre Loebel, do alto do pulpito, na casa do Senhor, comentou com esta evangelica mansidão:

«Devemos sentir-nos felizes sempre que as nos-

sas maquinas de guerra esmagam os filhos de Satanaz, e quando os nossos fantasticos submarinos, instrumentos da vingança divina, lançam no fundo dos mares milhares de reprobos» !

*

*

*

A minha intenção, ao desfiar este rosario de crimes, subordinados ao principio superior do odio sem clemencia, é o mostrar que a mulher e a creança teem sido imoladas com inexcedivel sanha aos horrores da guerra — e isto na França como na Belgica, na Servia devastada como no Montenegro oprimido, sendo-o amanhã em Portugal, igualmente, se a Portugal chegarem as hordas enfurecidas do Kaiser. E que, por isso, as mulheres portuguezas, como as de todos os paizes invadidos, ou ameaçados teem obrigação de defender-se, por si proprias, e pelos pequeninos confiados á sua guarda, tornando-se de espectadoras em combatentes.

Tornarem-se combatentes, não é, claro, tornarem-se soldados. Não combate sómente o que destroe. Eu nunca me perdoaria o exagero de aconselhar ás mulheres, — a elas que vieram ao mundo para fazer da fera homem, o homem sociavel — que manchassem as mãos na sangueira da hecatombe. Combatem tambem, por vezes com maior vantagem do que os que manejam as armas, os que estimulam a coragem. os que pregam a abnegação, os que salvam os feridos. O chorar nada evita, nada remedeia. Não é com lagrimas que se extinguem incendios. O insurgirmo-nos contra a situação actual, creada ou pela imprevidencia dos homens ou pela fatalidade dos acontecimentos —

pouco importa para a nossa sorte a sua origem — não estorva os movimentos da maquina humana, que se prepara para a luta. E porque assim é, e porque nada evitaes chorando, porque nada conseguis lamentando, o que vos convem, mulheres portuguezas, é converter as lagrimas em benções, as lamentações em estimulos, a fraqueza em força, e impelirdes a maquina de que depende a vossa felicidade futura, em vós mesmas, ou nos vossos filhos, ou nos vossos netos.

E' preciso que nas secretarias ou nas fabricas, nas ambulancias ou nos escritorios de commercio, onde quer que vos chamem, sejais as primeiras no esforço e na serenidade.

E' preciso que vos destineis a ser o amparo dos velhos e o refugio das creanças. E' preciso que obrigueis as vossas mãos, habituadas a fazer renda, a fabricar obuses. E acima de tudo, é indispensavel que vós, as musas do lar, vos transformeis nas deusas da guerra, em Pallas milagrosas, armando de coleras sagradas as almas dos que vão bater se, multiplicando de fecundas energias os braços dos nossos soldados — batendo-vos, defendendo-vos assim do inimigo dêles, que é vosso inimigo.

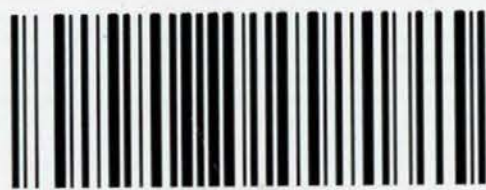
Deveis lembrar-vos sempre que o homem, o mais cobarde, não tem a coragem da cobardia deante do heroismo da mulher. Eu sei que vós, minhas senhoras, darieis mais resolutamente o peito ás balas do que um noivo ás trincheiras. Eu sei que, porisso, tendo de realisar na apparencia tão pouco, tendes de exceder o soldado exposto ao fogo — que morre, quando morre, unicamente uma vez, enquanto vós morreis mil vezes, todos os dias, para arrancar da dôr, da saudade, da incerteza, das privações, a fé reparadora, o impulso

destemido, o entusiasmo estoico. Mas, porisso mesmo, vós sereis entre nós, como as vossas irmãs na França, mais heroicas do que os heroes!

Mulheres da França! Palidas creaturas que ereis, ainda ontem, a imagem fluida da frivolidade, a futil rialeza do estôfo e da Moda!

Dôces *grisettes*, religiosamente votadas ao misterio do Prazer, ao ritual do *coquetismo*, paramentadas de sensualidade e de graça! Sacerdotisas do *vaudeville* e do *can-can*, agitadas no turbilhão de luz e de demencia do *Moulin-Rouge* — como vos redemistes, erguendo-vos tão alto, ao sopro da tempestade, que quasi vos confundimos com as estrêlas!

Sois formidaveis na vossa fraqueza. Sois incomparaveis na vossa força! E deante duma e doutra, da fraqueza que se converteu na intrepidez dos exercitos, da força que salvou a França de si propria, chegamos a abençoar a violencia da tempestade. Não ha duvida de que o sofrimento. sob o trovejar dos canhões, sob a chuva de sangue que inunda a terra mãe, vos acordou para a vida, para a beleza que transfigura, para a redenção que eternisa! Mulheres da França! -- grandes figuras moraes do sacrificio e do heroismo — dizei ás mulheres de Portugal que muito tendes sofrido e lutado. E fazei-lhes sentir, que não é oferecendo os braços á cruz, como o Cristo do calvario, passivamente, que se consegue a paz e a felicidade do lar. Que a tempestade vos ensinou a serdes o Cristo dos sermões da montanha e dos vendilhões do templo — para morrerdes, se fôr preciso, mas depois de terdes expulso das almas a sombra do medo, depois de lançardes ás almas a semente que ha de ser coragem, disciplina, resistencia e triunfo!



80179581

BIBL